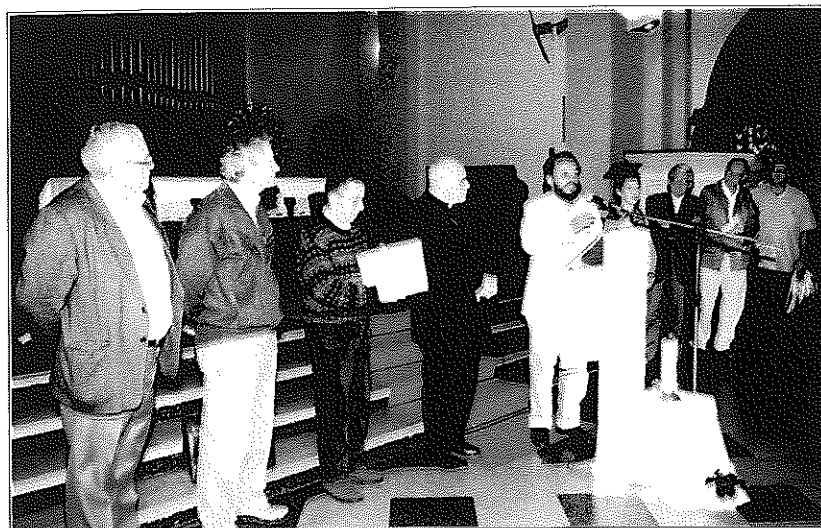




Foto: Douglas Mansur

Pe. Antonio Aparecido, Pe. Benedito Ferraro, Prof. Zamagna e Maria Angélica em painel sobre a formação teológica e o mundo da cultura

TESTEMUNHOS DE EX-ALUNOS



Pe. Aparecido, Pe. Ferraro, Pe. José Arnaldo, Dom Zioni, Pe. Márcio Romeiro, Maria Angélica, Dom Angélico, Pe. Júlio Lancelotti e Pe. Antonio Marchioni no acolhimento aos ex-alunos

PE. ANTONIO APARECIDO - DIRETOR DO JORNAL "O SÃO PAULO"

Gostaria de começar, lembrando o contexto em que nós estudamos filosofia e teologia aqui em nossa Faculdade: os anos pós conciliar. Toda a Igreja se via iluminada pelas luzes que vinham do Vaticano II. Renovava-se a Liturgia, o estudo da Sagrada Escritura, o estudo da Teologia no seu todo. Tínhamos aqui o Mons. Roxo, Frei Gorgulho, Ana Flora, Schiratto, vários professores que nos ajudavam muito naquele entusiasmo que tomava conta de todos nós. Ao mesmo tempo, o Brasil vivia a ditadura militar, e nós seminaristas, filósofos e teólogos, não tinha jeito da gente não se preocupar com o que acontecia no país. A nossa intelectualidade brasileira exilando-se, a repressão do movimento estudantil com as prisões arbitrárias, e até um seminarista nosso, teólogo, participante daquele famoso congresso da UNE, foi preso. Um outro seminarista, que hoje é sociólogo na PUC, integrou o elenco de Morte e Vida Severina, primeira vez que se lançava.

Nós éramos visitados pelos intelectuais da época que faziam a resistência. Lembro-me que, num Boletim Interno, eu e o, hoje, padre Francisco Correa fomos entrevistar Alceu Amoroso Lima. Perguntamos a ele: "porque eles não mexem com o senhor?" E ele respondeu: "talvez para dar a idéia de que ainda existe a liberdade de se dizer alguma coisa".

No nosso tempo, a CNBB se reunia aqui. Eu me lembro que a imprensa uma vez chamou Dom Hélder, que se recusou, dizendo: "diga pra eles que o que eu falo não pode ser publicado! A gente volta a conversar quando a imprensa for livre".

Mas também vivia-se dentro da Igreja algumas coisas contraditórias: quando nosso teólogo foi preso no Congresso da UNE, em Ibiúna, o saudoso Dom Agnelo Rossi veio aqui desesperado, colocou-nos todos nesta sala (que era o refeitório), mandou todos pegarem papel e lápis e fez a seguinte pergunta para que todos respondessem: "você acha que um seminarista, um estudante de teologia, tem o mesmo direito de expressão que um estudante lá fora?" Felizmente, a resposta foi unânime: "sim". Isso aconteceu quando nós estávamos

aqui estudando e éramos internos, de forma que nossas aulas de teologia continuavam nas conversas em volta da mesa.

Tudo isso, certamente, marcou nossa vida e o nosso trabalho. Depois da ordenação em 1971, cada um seguiu seu caminho. Dez anos depois, Dom Paulo me chama e disse assim: "eu preciso de padres que estudem, que se aprofundem, senão eu corro o risco de ficar sem assessoria". E eu, respondi a Dom Paulo: "se eu voltasse a estudar, eu estudaria jornalismo". "Ótimo, é disso que eu preciso", retrucou Dom Paulo. Então eu fui para Roma e lá estudei no Centro Internacional para Estudos de Opinião Pública. A minha tese foi: "A Igreja e a censura política à imprensa de 1968 a 1978, com particular acento sobre a censura ao jornal *O São Paulo*". Ao voltar de Roma, disseram-me: "infelizmente o seu curso de Roma não o habilita para ser jornalista". Então fui para a Cásper Líbero e me formei em jornalismo e, desde então, estou à frente do Jornal *O São Paulo* há dezesseis anos.

Eu aprendi a fazer jornalismo nessas escolas, é claro, mas também a partir daquilo que eu recebi aqui, nesta Faculdade, e também no contato com Dom Paulo Evaristo Arns. Aprendi a ler os acontecimentos sob a ótica do Evangelho, aprendi a fazer um jornalismo a partir dos pobres, uma imprensa alternativa, o que causou ao jornal *O São Paulo* muita antipatia, chamavam o jornal de monotônico (os mesmo temas) e, na verdade, monotônica era a relidade que se vivia naqueles tempos. O jornal privilegiava os movimentos populares, as CEBs, a luta pela terra, as injustiças sociais. De uns cinco anos para cá, foi aberta uma coluna curiosa, na qual o povo simples vai nos perguntando e a gente vai tentando traduzir a nossa teologia numa linguagem mais simples, melhor para o povo entender.

A nossa Faculdade de Teologia tem de marcar a nossa vida, ensinando-nos a dialogar com o nosso povo, num diálogo onde temos o que dizer, onde a gente soma conhecimentos, onde a gente soma valores...

MARIA ANGÉLICA – ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

Sou jornalista como o Pe. Cido, fiz jornalismo na Cásper Líbero e depois vim pra cá. Para mim, a Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção representou um salto qualitativo na minha profissão. E eu vou explicar porque: quando fui convidada para vir hoje aqui, eu não tinha muita noção do que deveria dizer. Então o Pe. Márcio me explicou, com uma pergunta: "o que a Faculdade de Teologia significou na sua vida profissional?" Depois de formada na Cásper Líbero, passei a exercer a profissão na grande imprensa, trabalhando em jornal e também em publicidade, mas tinha um grande desejo: o de fazer um trabalho de Igreja.

Comecei, na minha paróquia, fazendo um boletim durante quinze anos. Mas eu queria mais, e sentia falta de conhecimento. Eu tinha o conhecimento do jornalismo, sabia como escrever, mas não tinha base para o trabalho de Igreja. Comecei, então, a buscar, a fazer diversos cursos até que, em 1976, Dom Paulo me convidou para ser repórter do Jornal *O São Paulo*. Também como repórter eu sentia falta de uma base teológica para exercer a minha profissão. Em 1978, a Faculdade de Teologia abriu o curso noturno para os leigos e leigas nas dependências da Ordem Terceira do Carmo. Comecei ali o estudo da teologia, mas por sugestão e influência do Frei Oscar Lustosa, dominicano, professor de História Eclesiástica, transferi-me para o Ipiranga. Foi a melhor coisa que aconteceu. Vim para cá onde, o Pe. Simão, hoje diretor da Faculdade, foi meu colega de turma. E foi uma das melhores turmas daquela época. Uma época difícil, de desafios, contestação em todos os campos e grandes questionamentos. Os alunos questionam até sobre os destinos da própria Faculdade.

Única mulher na classe, me senti muito bem acolhida. Os colegas eram curiosos quanto a saber se eu era feminista ou se defendia a ordenação de mulheres. Fizemos um verdadeira revolução na Faculdade, participando ativa-

mente da vida universitária. Fui do Centro Acadêmico Dom Helder Câmara. Nessa ocasião, uma das plataformas do CA era mudar o currículo. Foi uma das melhores coisas de que eu participei na minha vida. Foram constituídas duas equipes de professores com a participação; de alunos, foram realizadas assembléias, nas quais o currículo foi votado. Foi uma fase muito boa e de excelente aprendizado democrático dentro da Igreja.

A minha monografia de graduação, orientada pelo Pe. Bení, foi: "A Igreja de Deus a serviço dos homens". Quando terminei, a direção da Escola me fez prometer que eu iria continuar. Fiz ainda um ano de pós-graduação, mas o trabalho junto ao jornal *O São Paulo* não me permitiu continuar o curso. A convite de Dom Paulo, fui editora do Jornal, durante todo o tempo em que estive fazendo o curso de teologia. Em seguida, fui ser assessora de imprensa da CNBB, Regional Sul I, trabalho que fiz com maior facilidade, devido à bagagem adquirida no jornal e na Faculdade de Teologia.

Em 1979, Dom Décio Pereira, recém ordenado bispo, me convidou para um trabalho que achei desafiador: preparar um curso de teologia para leigos. Em 1980, junto com os professores desta casa, montamos um Curso de Iniciação Teológica para leigos baseado no currículo da Faculdade. E eu tive a felicidade de ver que muitas das pessoas que fizeram o curso de iniciação vieram depois para a Faculdade. Foi como um "aperitivo" para o curso de graduação em teologia. Esse trabalho foi realizado durante doze anos. Foi muito prazeroso.

Estava trabalhando na Região Sé, quando Dom Paulo me fez um convite irrecusável: participar do Vicariato da Comunicação (Dom Paulo estava montando diversos vicariatos: da Comunicação, dos Construtores da Sociedade, do Povo da Rua). Fui trabalhar, portanto, na assessoria de imprensa, na Cúria. Isso foi em 1992.

Posso dizer francamente, para vocês, que se eu não tivesse feito a Faculdade de Teologia não estaria apta a exercer as funções que eu exerço hoje. A gente não pode exigir do jornalista que ele tenha conhecimento de Igreja que a gente, que fez a Faculdade, tem. O jornalista é obrigado a saber de tudo

e é impossível que ele saiba de tudo, bem. Por isso existe o assessor de imprensa, para orientar os jornalistas que buscam informações sobre pastoral, sobre teologia, sobre igreja, sobre religião...

A Faculdade de Teologia representou, para mim, um salto qualitativo importantíssimo na minha vida profissional. Tendo feito o curso de teologia nesta Faculdade, sinto-me capacitada para atender e assessorar os jornalistas que nos procuram. É um trabalho importante, por isso, eu pediria, como jornalista e como assessora de imprensa da Arquidiocese, que os atuais estudantes, uma vez formados, não tivessem medo da imprensa. Hoje, um dos trabalhos mais difíceis é arranjar padre que aceite ir à programa de televisão! Não se deve ver os jornalistas como inimigos da Igreja. Às vezes, quando os jornalistas colocam algo errado, é por desconhecimento ou porque não foram assessorados. É preciso, pois, olhar o jornalista como uma pessoa igual a todos que, às vezes, precisam muito mais de esclarecimentos do que se imagina.

O que eu tinha para dizer era isso: para mim, na minha vida profissional, trabalhando dentro da Igreja, ter feito a Faculdade de Teologia, foi a melhor escolha!



Dom Zioni, Dom Angélico e Maria Angélica



Pe. Ferraro, Dom Angélico e Pe. Nadai

DOM ANGÉLICO SÂNDALO BERNARDINO – BISPO AUXILIAR DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, REGIÃO BRASILÂNDIA

Eu estive neste solo sagrado a partir de 1951. A lembrança que eu tenho da nossa Faculdade é das melhores. A Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção tem desempenhado uma importante missão. Com alegria ela tem buscado fazer teologia, aprofundar a ciência teológica com o coração em Deus, aberta em relação ao Pai, em Jesus Cristo, no vigor do Espírito Santo e também com os pés fincados na realidade, como uma teologia realmente comprometida com a libertação, sobretudo daqueles que sofrem. .

Eu quero dizer uma palavra de entusiasmo a respeito do jubileu. Já vai para quase 25 anos que eu sou bispo aqui em São Paulo e posso testemunhar que uma das preocupações prioritárias do Colégio Episcopal, coordenado então por Dom Paulo Evaristo e, atualmente, por Dom Cláudio Hummes, tem sido a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Em anos passados, quando nós tentamos fazer uma teologia comprometida com a realidade, uma teologia libertadora, nós sofremos, é claro, incompreensões dentro e fora da Igreja. Mas, sofrer incompreensões e até perseguições, faz parte do discipulado de Nosso Senhor Jesus Cristo. Devemos nos assustar quando a nossa caminhada não sofre perseguições, porque sofrê-las é realmente uma bem-aventurança.

Eu vejo este tempo, a Assunção, como uma faculdade que procura estar aberta; aberta, é claro, ao ensino oficial da Igreja, sem o qual não há faculdade de teologia católica; à Revelação de nosso Deus e Senhor; aos ensinamentos do nosso Papa, tão querido; da CNBB; às conquistas de Medellín, de Puebla e de Santo Domingo. Uma faculdade que se compromete, abre-se cada vez mais ao ecumenismo. Faculdade que se abre, cada vez mais, à formação de leigos e leigas. Séria na formação dos padres, ela tem essa abertura profundamente salutar. Uma faculdade que se abre à mulher, não somente a acolher mulheres – eu gosto de citar sempre, porque uma das pós-graduandas da

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção é diretora do Instituto de Teologia Brasilândia, que se destina à formação de leigos e leigas – e uma faculdade que não somente se preocupar em ter no seu corpo docente mulheres, e também alunas mulheres, discípulas, à maneira de Jesus que teve tantas discípulas, mas uma faculdade que faz a teologia com marca da mulher. Afinal de contas, a irrupção da mulher na Igreja e na sociedade moderna é, como dizia o Papa João XXIII: um dos sinais do nosso tempo!

Que os atuais alunos sigam avante no estudo e na pesquisa teológica. Nós, no Brasil atual, corremos o risco de uma certa superficialidade no ensino, pois a educação está sucateada em nossa pátria. E na nossa Faculdade, que é muito séria na pesquisa científica, que os alunos não deixem se contaminar pelo vírus da superficialidade no campo da educação e que eles amem a teologia. Que o seu coração – à exemplo dos discípulos de Emaús que estavam a caminho, que estavam fugindo da cidade grande, mas que estavam comentando sobre a realidade, realidade iluminada pelo peregrino – com ensino bíblico, com o coração deles e destes, faça uma boa teologia. Depois, como padres ou leigos, continuem a estudar teologia porque a formação permanente continua sempre. E Deus, o Deus da esperança, esteja, realmente, presidindo todos os atos desta nossa Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

MONS. JULIO LANCELOTTI – VIGÁRIO DO POVO DA RUA

Eu estou com a mesma idade da Faculdade de Teologia, por isso a minha passagem por aqui significou para mim um grande momento da minha vida, na minha formação, na solidificação da minha fé, numa fé que vai se construindo no decorrer da vida, como ministro ordenado. Isso tem um significado imenso de afetividade e de ser sempre a Faculdade de Teologia, um desafio: de ser uma resposta verdadeira para a cidade, daquilo que é o mandato evangélico. Desafio que deverá ser vivido no conflito e na tensão, cabendo a cada geração que passar por esta Faculdade responder a esse desafio com o melhor de si mesmo.

PE. ANTONIO MARCHIONI (TICÃO) – DIOCESE DE SÃO MIGUEL PAULISTA

O aniversário é sempre uma data que nos faz refletir o passado. Eu estudei aqui há vinte anos e essa Faculdade, nos anos 70, proporcionou momentos de muito entusiasmo, de muito dinamismo. A Faculdade animava muito para uma evangelização dirigida à construção do Reino. E é isso que a gente espera: que a Faculdade de Teologia seja sempre um sinal forte de esperança para os jovens que se encontram na Faculdade, preparando a Igreja para o Novo Milênio.